



ESTRANHA FORMA DE VIDA
HOMILIA NA BÊNÇÃO DOS FINALISTAS DA UNIVERSIDADE DO MINHO
09 Maio 2015 – Cripta do Sameiro – 16h

Ontem à noite, muitos de vós, participaram certamente na serenata junto ao Largo do Paço. Foi um momento intimista, de silêncio, de amizade e de escuta do fado, um dos mais fortes traços identitários da nossa portugalidade. Em Julho deste ano, celebram-se 95 anos do nascimento de Amália. Creio que nenhum de nós terá dificuldades em reconhecê-la como uma embaixadora da língua portuguesa. O que talvez desconheçam é que Amália era uma mulher de cultura e de fé. Em 2010, o Pe. Feytor Pinto, seu amigo pessoal, disse que Amália “procurava o mistério de Deus não como solução mas como caminho”. Em *Foi Deus*, Amália cantava “não sei, não sabe ninguém / porque canto o fado / neste tom magoado”, mas logo depois reconhecia “foi Deus / que deu luz aos olhos / e deu-me esta voz a mim”.

Já noutro poema de sua autoria, a fadista de Portugal, um pouco ao jeito de Job, reclamava “foi por vontade de Deus / que eu vivo nesta ansiedade. / Que estranha forma de vida”. **Que estranha forma de vida.** Talvez alguns de vós tenham este sentimento de estranheza. São estranhos os tempos de mudança e de incerteza. São estranhas as perguntas mais profundas. É estranho este Deus que parece remeter-se ao silêncio e que, perante tanta estranheza, nos leva a dizer como Etty Hillesum “Meu Deus, esta época é demasiado dura para gente frágil como eu”.

A estranheza, se bem vocacionada, é um sentimento bom. Faz-nos estar mais despertos para com aquilo que nos rodeia e apura-nos o sentido crítico. Sei que o cristianismo é, para muitos, “uma estranha forma de vida”. Gabriel Magalhães, professor e romancista, escreveu no seu livro *Espelho meu* que “quando vivemos a fundo a verdade da Fé, entramos num mundo um pouco estranho. Num outro mundo do mundo”. Que mundo é esse? Que verdade é essa? Que caminho de estranheza é esse onde espreita a felicidade?

Para construir uma resposta, gostaria de vos indicar um itinerário, em três etapas consequentes. Para mim, é uma experiência de fé. Talvez alguns de vós não acrediteis. Aceitai esta partilha como um dom de alguém que nada pretende impor. Apenas e só deixar algo para o início de uma nova etapa da vossa vida, como possível ajuda.



1. Expandir o amor. É no Evangelho de hoje que encontramos este primeiro critério. “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos amigos”, disse Jesus. Pelos amigos normalmente nutrimos simpatia e cumplicidade. Mas o que Jesus nos diz é algo mais profundo: descobre a tua identidade na interdependência dos outros. Por outras palavras, a nossa vida fica incompleta enquanto não fizermos a experiência do amor desinteressado. Noutras circunstâncias, Jesus é ainda mais radical e diz “amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem” (Mt 5, 44). Não é fácil este caminho da dádiva incondicional. Existem resistências naturais. O agir de Deus, todavia, é desconcertante e introduz na humanidade critérios sobre-humanos, ou divinos, se preferirmos. Quando as civilizações diziam “olho por olho, dente por dente” (Ex 21, 24), Deus contrapunha “Se alguém te bater na face direita, oferece-lhe também a outra” (Mt 5, 38). Estranha forma de vida, não é? Experimentada na sua justa intervenção, talvez não o seja.

2. Valorizar a família. A família é lugar onde se vive o amor desinteressado de modo mais intenso. Ninguém escolheu o seu pai ou a sua mãe, ninguém escolheu os seus irmãos. Foram-nos entregues, como dom, para deles cuidarmos com toda a ternura. Infelizmente alguns grupos organizados pretendem negar ou destruir este “património imaterial” da humanidade. Mas creio que também nós, cidadãos comuns, por ingenuidade ou distração, descuidamos este núcleo estruturante da sociedade.

Será por medo de sermos politicamente incorrectos que nos silenciámos face ao movimento ideológico de substituir “pai” e “mãe” por “genitor A” e “genitor B”? Gostaríeis, um dia mais tarde, que o vosso filho – ou deverei dizer descendente – vos interpelasse com um “dá-me um beijo, meu genitor”? Todas as palavras têm um sentido, uma história e uma identidade e não podem ser desvirtuadas. A vida sem família não tem futuro e a família tem uma identidade cultural e histórica que nunca podemos desarticular. Estranha forma de vida, não é? Caros jovens, agradecei hoje a Deus pela vossa família, respeita-a. Sabeis que ela tem sido o suporte do vosso existir. Hoje chorarão lágrimas de alegria e, infelizmente, continuarão a ajudar-vos por falta de trabalho.

3. Respeitar a vida. A última etapa do nosso itinerário é a vida. Falo da vida desde a sua primeira célula da existência até ao último respiro do corpo. O respeito pela vida – a nossa e a dos outros – está acima de critérios como a lucidez, o uso da razão ou ainda a autosuficiência. É grave quando determinados cientistas confundem a opinião



pública e introduzem falsas distinções conceptuais de “pessoa” e “ser humano”. Todo o ser humano é pessoa e toda a pessoa deve ser defendida. É urgente, por isso, reconhecer que a vida humana é o primeiro e mais estimável dos bens e, como consequência, urge construir uma verdadeira cultura da vida (cf. EV 95).

No próximo dia 15 de Maio, celebraremos o Dia Mundial da Família e, ao mesmo tempo, terá início a Semana da Vida, este ano com a temática “Vida com dignidade. Opção pelos mais fracos”. Foi esta a razão de vos deixar estas duas palavras plenas de significado. Família e vida. Descortinai com honestidade o significado de cada uma e ajudai Portugal com um amor crescente à família e à vida. Na vida, que hoje começa a ser desconsiderada por tantos suicídios e homicídios, quero pedir-vos uma opção pelos mais fracos.

Os mais fracos são todos aqueles que aguardam o amor desinteressado de alguém que queira cruzar a sua vida com a deles. É importante que dilateis o vosso amor aos mais idosos, aos avós, porque eles são a memória da vida que vos antecedeu. Mas projectei também o vosso amor para o futuro, isto é, encontrais espaço no vosso coração para acolher os filhos que Deus vos der.

Este ano, a Arquidiocese quis abrir uma plataforma com o desejo de encontro com o diferente. Fomos à cultura helénica e chamamos-lhe “Nova Ágora”. Espaço aberto a todos os discursos e convicções. A Igreja tem as suas. Hoje quer sair dos seus espaços e encontrar-se com a diferença. Daí que vos afirme com toda a verdade: a Arquidiocese de Braga estará sempre convosco, concordando ou não com as vossas opções. Não tenhais medo de encontrar-vos convosco. Trazei a vossa procura de verdade, as dúvidas e perplexidades, os medos e temores. Juntos poderemos encontrar um pouco de luz para o vosso futuro pessoal, profissional e familiar. E assim, a vida, mesmo com problemas, deixará de ser estranha.

+ Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*